



**Universidade Federal da Integração  
Latino-Americana**

**Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e  
História**

**Antropologia- Diversidade Cultural  
Latino-Americana**

**A coleta de reciclagem: Um trabalho marginal ou um trabalho que ajuda as  
pessoas que vivem desta profissão!**

**Jose Estiven Velasquez Valero**

Foz do Iguaçu

2023



**Universidade Federal da Integração  
Latino-Americana**

**Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e  
História**

**Antropologia- Diversidade Cultural  
Latino-Americana**

**A coleta de reciclagem: Um trabalho marginal ou um trabalho que ajuda as  
pessoas que vivem desta profissão!**

**Jose Estiven Velasquez Valero**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientador: Prof. Dr. Waldemir Rosa

Foz do Iguaçu  
2023

Jose Estiven Velasquez Valero

**A coleta de reciclagem: Um trabalho marginal ou um trabalho que ajuda as  
pessoas que vivem desta profissão!**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Waldemir Rosa  
Antropologia  
UNILA

---

Prof. Dr. Danielle Michelle Moura De Araujo  
Antropologia  
UNILA

---

Prof. Dr. Rodrigo Juan Villagra Carron  
Antropologia  
UNILA



## AGRADECIMENTO

Quero aproveitar este espaço no meu trabalho, para agradecer as várias pessoas que contribuíram para que eu conseguisse realizar e concluir meu trabalho de TCC. Começo agradecendo a minha família que sempre me apoiaram desde a distância e me ajudaram no processo da escolha do tema do meu trabalho de conclusão de curso, além de sempre me animar para não desistir e sempre seguir até o final.

Também quero agradecer a meus amigos, colegas e professores que estiveram presentes durante meu processo de formação. Meus amigos, porque muitos deles viraram a família que a universidade me deu. Aos colegas porque juntos percorremos este caminho, aprendendo coisas novas que nos ajudaram a cumprir nosso sonho. Aos professores por nos transmitir os seus conhecimentos e nos mostrar uma nova visão sobre América Latina, e sobre como podemos aplicar os conhecimentos adquiridos dentro da sala, no mundo real.

Agradeço ao meu orientador por me acompanhar durante este processo, tanto no trabalho de campo, como na escrita do meu texto, sugerindo as devidas correções para meu trabalho.

Agradeço também aos professores da banca por se tomar o tempo de ler meu trabalho e por aceitar o convite para avaliar meu trabalho.

E por último, mas não menos importante, quero agradecer de coração as e os catadores da COAAFI do barracão de porto belo, por me permitir fazer meu trabalho de conclusão de curso com vocês, por me permitir conhecer mais sobre o trabalho que vocês realizam dentro da cidade e conhecer vocês um pouco mais como pessoas, por me abrir as portas das suas casas, por me permitir fazer os registros fotográficos de vocês no trabalho e nos seus lares. Um grande obrigado porque sem vocês este trabalho não seria possível.

## RESUMO

Nessa pesquisa realizei uma análise sobre o trabalho dos catadores de resíduos em Foz do Iguaçu/PR e a maneira como eles vivem, com base na etnografia realizada na COAAFI - Cooperativa de Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu. Estas informações foram levantadas entre os anos de 2022 a 2023, principalmente no barracão localizado no bairro de Porto Belo de Foz do Iguaçu. Sustento o trabalho principalmente na observação e participação no cotidiano do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, e as mudanças ocorridas no local de trabalho durante o tempo do trabalho de campo, como ponto para uma análise do trabalho e a maneira como vivem os cooperados a partir de seu trabalho no barracão. Utilizei método qualitativo, pois meu trabalho está baseado em dados coletados em campo por meio de uma observação participante. O objetivo alcançado consiste principalmente em reconhecer a importância do trabalho dos catadores para a gestão de resíduos sólidos na cidade através da triagem e a coleta seletiva, como também evidenciar a maneira como os cooperados vivem a partir do trabalho que realizam no barracão de Porto Belo. Isso através de algumas fotografias registradas que apresentam alguns desses elementos mencionados.

Palavras-chave: Cooperativa de Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu, Catadores, vida digna, Barracão de Porto Belo.

## RESUMEN

En esta investigación analicé el trabajo de los recicladores en Foz do Iguaçu/PR y su forma de vida, a partir de la etnografía realizada en la COAAFI - Cooperativa de Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu. Esta información fue recolectada entre 2022 y 2023, principalmente en el galpón ubicado en el barrio Porto Belo de Foz do Iguaçu. Me baso principalmente en la observación y participación en el día a día de los recolectores de material reciclable, y en los cambios ocurridos en el lugar de trabajo durante el tiempo del trabajo de campo, como punto de análisis del trabajo y de la forma en que los cooperativistas viven de su trabajo en el galpón. Utilicé el método cualitativo, ya que mi trabajo se basa en datos recogidos en el trabajo de campo mediante la observación participante. El objetivo principal es reconocer la importancia del trabajo de los recicladores para la gestión de residuos sólidos en la ciudad a través de la clasificación y la recolección selectiva, así como mostrar cómo viven los cooperados a través del trabajo que realizan en el galpón de Porto Belo. Es hecho a través de algunas fotografías que muestran algunos de estos elementos mencionados.

Palabras clave: Cooperativa de Agentes Ambientales de Foz do Iguaçu, Recicladores, vida digna, galpón Porto Belo.

## ABSTRACT

In this research I analyzed the work of waste pickers in Foz do Iguaçu/PR and their way of life, based on ethnography conducted at COAAFI - Cooperativa de Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu. This information was collected between 2022 and 2023, mainly in the shed located in the Porto Belo neighborhood of Foz do Iguaçu. I rely mainly on the observation and participation in the daily life of the recyclable material collectors, and on the changes that occurred in the workplace during the time of the fieldwork, as a point of analysis of the work and the way in which the cooperative members live from their work in the shed. I used a qualitative method, as my work is based on data collected in the field through participant observation. The main objective is to recognize the importance of the waste pickers' work for solid waste management in the city through sorting and selective collection, as well as to show how the cooperative members live from the work they do in the Porto Belo shed. This is done through some photographs that show some of these elements.

Agrega encabezados (Formato > Estilos de párrafo) y aparecerán en el índice.

Key words: Cooperative of Environmental Agents of Foz do Iguaçu, Recyclers, dignified life, Porto Belo shed.



## SUMÁRIO

<b>1.Introdução</b>	<b>10</b>
<b>Cap. 1- Escolha do tema e a chegada no campo</b>	<b>13</b>
1.1- Local de trabalho e a separação dos resíduos sólidos	16
<b>Cap.2- Olhar Antropológico</b>	<b>59</b>
2.1- Parte final do trabalho de campo	59
2.2- Relatos de vida dos Catadores	60
<b>Cap. 3- Antropologia Urbana e a relação com os catadores de reciclagem</b>	<b>106</b>
3.1- Separação de resíduos sólidos como modelo que gera emprego, renda e melhores opções para o futuro das pessoas e do Meio ambiente	108
3.2- Análise teórica dos dados coletados em campo	111
<b>Considerações finais</b>	<b>114</b>
<b>Referências</b>	<b>116</b>

## 1.Introdução

A partir do que acontece nos espaços urbanos, especialmente na área urbana de Foz do Iguaçu, Paraná, procura-se mostrar como é o trabalho das e dos Catadores da reciclagem da A Cooperativa dos Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu - COAAFI, que trabalham no barracão do bairro de Porto Belo, Foz do Iguaçu. Busca-se também mostrar como o trabalho permite-lhes viver de uma maneira digna apesar de algumas pessoas na cidade como um trabalho marginal. Também é importante saber como as pessoas que trabalham na coleta de resíduos sólidos destinados à reciclagem, sentem como é percebido o trabalho que desenvolvem, por parte dos moradores da cidade, em especial, na região onde trabalham. O trabalho de campo durou vários meses, começou por volta da terceira semana de outubro de 2022 e foi até a metade de maio de 2023. No entanto, o trabalho de campo teve várias interrupções, não sendo contínuo.

A observação participante se fez através de várias visitas ao barracão, como maneira de coletar as informações e de fazer alguns registros fotográficos, além de observar como os catadores realizavam o seu trabalho e a lógica por trás dele. Procurando criar opções de poder ir na casa dos catadores da COAAFI do barracão de Porto Belo, para poder fazer o registro fotográfico.

O contato com os Catadores da COAAFI, se deu quando eu estava cursando uma das disciplinas do TCC, e na qual foi indicado para que os estudantes realizassem a atividade da disciplina para o seu trabalho de campo.

Antes de começar é importante indicar alguns elementos que nos permite entender um pouco do contexto das políticas de resíduos no Brasil e como é a situação das pessoas que trabalham na coleta e separação de resíduos sólidos destinados à reciclagem.

A “Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) reconheceu o resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho, renda e cidadania”(Brasil, 2010), mas que, por ser considerados por algumas pessoas como “lixo”, pelo olhar negativo que se tem dos resíduos sólidos, constituem-se estigmas sociais sobre as pessoas que fazem a separação de tais resíduos, se observa que “o Brasil ainda desperdiça muito material que poderia ser

transformado e reinserido na cadeia produtiva”(SILVEIRA & PINHEIRO, 2018). Este deveria ser um sector onde poderia ter muitos trabalhadores inseridos para dar conta do material que não é coletado, e perdendo a oportunidade de ser reutilizado e, assim, de ajudar a ter um mundo mais sustentável.

Segundo Carla Lisboa, “são 400 mil catadores de resíduos sólidos em todo o Brasil. Somados os membros das famílias, chegam a 1,4 milhão de brasileiros que sobrevivem do lixo” (LISBOA,2013). Com isso podemos dizer que apesar de ter várias famílias inseridas no trabalho de coleta e reciclagem no Brasil, ainda assim o número poderia ser ainda maior. Considero que um dos motivos pelos quais não se adota este tipo de trabalho é o estigma social que identifica tal atividade como um trabalho marginal ou como um trabalho que só pode ser realizado pela população mais pobre que sobrevive do “lixo”, do que é descartado ou o que sobra da sociedade.

Como é feito o trabalho por parte dos catadores da COAAFI do barracão de Porto Belo? Como a não correta separação por parte das pessoas da cidade afeta na realização adequada do seu trabalho? Como o trabalho que os catadores da COAAFI realizam, apesar de ser considerado por algumas pessoas da cidade como um trabalho marginal, permite que eles possam viver com dignidade? Para entender melhor como se dá tal processo é importante abordar a questão do limpo e do sujo, pois ao se falar do limpo e o sujo é possível abordar como se atribui às pessoas que trabalham na área da limpeza, a noção de pessoas sujas. Isso porque, socialmente tem-se vinculação da pobreza à sujeira. Como normalmente são as pessoas pobres que realizam os trabalhos de limpeza, se associa que estas são pessoas sujas, porque socialmente seu trabalho é desvalorizado. Como indica Ana Flávia da Silva alguns fundamentos que contribuem para que se tenha esse olhar sobre as pessoas que realizam esse tipo de trabalhos, está na experiência histórica que guarda alguns elementos de um país que teve trabalho escravo e de servidão, e que não foram eliminados completamente da nossa sociedade (SILVA, 2015,P68).

A coleta de reciclagem é uma atividade realizada por famílias que moram nas zonas periféricas das cidades (LISBOA,2013), e o qual nos permite entender que existe um contexto que envolve a realização do trabalho, para que elas ter uma melhor

condição de vida, com uma alimentação digna, educação para seus filhos. Considero que este trabalho é importante para mostrar através de um registro fotográfico, que ao mesmo tempo permita ver a realização do trabalho e a maneira como as pessoas vivem.

## Cap. 1- Escolha do tema e a chegada no campo

Quando cheguei ao Brasil, fui morar na região da Vila C, Foz do Iguaçu e percebi que tinha muitas pessoas que trabalham com a reciclagem de maneira independente, ou maneira informal, mas vi também que existia um sistema de coleta de reciclagem na cidade e na região, então pensei em fazer pesquisa com os Catadores de Reciclagem.

Mas meu interesse em escolher os Catadores da Reciclagem como tema vem de vários anos. Antes de vir ao Brasil, para estudar na UNILA, eu fiz um curso de fotografia e meu trabalho de conclusão de curso, em maio de 2018, foi sobre os Catadores da reciclagem em Bogotá.

Na minha observação percebi que normalmente o trabalho de coleta de resíduos sólidos para a reciclagem era realizado por famílias decidi fazer meu estudo sobre estas famílias e como aquele trabalho, considerado como marginal, permitia que eles tivessem uma vida digna. No final consegui fazer esse trabalho com duas famílias e fiz um livro de fotos digital como resultado.

Em primeiro lugar uma das conclusões que cheguei a partir do trabalho feito na Colômbia, foi que as pessoas pertenciam a Organizações de recicladores, o que seria equivalente aqui no Brasil as Cooperativas dos Catadores de reciclagem. Isso é importante porque as pessoas que estão dentro das Organizações o seu trabalho já não é considerado como um trabalho informal, de igual maneira como acontece aqui no Brasil, como caso específico da COAAFI. A segunda conclusão, relativa ao trabalho realizado em Bogotá, foi que dentro do trabalho da reciclagem existe uma lógica que não é só sobre a coleta dos resíduos sólidos, mas a sua separação obedecendo uma lógica que leva em consideração o tipo de material, cor, tamanho, entre outras. E a terceira, é que o que realmente falta para melhores condições de trabalho é a criação de políticas que ajudem as pessoas que fazem esse tipo de trabalho, assim como criar consciência social nas pessoas sobre a importância do trabalho que essas pessoas desenvolvem e como eles contribuem para um mundo mais sustentável através do seu trabalho, enfrentando os estigmas sociais relacionados a sua atividade laboral.

Para combater o estigma que se tem sobre o trabalho da reciclagem e as pessoas que o fazem é necessário uma reeducação do conceito do que é lixo, para que as pessoas refiram a reciclagem com os nomes adequados. Outro ponto importante é entender que o trabalho possui um grande potencial econômico e que o estigma que se tem dele não permite que as pessoas possam explorar este nicho econômico. Por fim, é necessário reconhecer a importância da reciclagem para um mundo mais sustentável e limpo.

Para meu trabalho decidi focar naqueles que trabalham dentro da COAAFI, pois o trabalho que eles fazem já não é considerado como um trabalho informal.

Então, fiz o primeiro contato com os Catadores da COAAFI, foi em um lugar na Vila C, onde eles faziam a triagem dos resíduos sólidos. Lembro que era uma segunda-feira e que era por volta das 14 horas, quando peguei minha bicicleta e chegando lá, fui atendido por um rapaz. Quando entrei no espaço percebi que as pessoas que trabalham ali eram de uma mesma família pela maneira como se comunicavam.

Eles perguntaram o que eu precisava e eu comentei para eles que queria fazer meu trabalho de conclusão de curso e tinha a intenção de pesquisar sobre eles. Foi aí que eles encaminharam que deveria conversar com as pessoas que ficavam em outro galpão, no bairro do Porto Belo, Foz do Iguaçu, pois aquele galpão na Vila C a prefeitura ia fechá-lo em pouco tempo.

No dia seguinte, pela manhã, como tinha indicado, cheguei ao galpão no Porto Belo percebi que tinha várias mulheres trabalhando, e que os homens eram minoria. Perguntei quem era a pessoa encarregada pois meu interesse era saber as possibilidades de realizar minha pesquisa ali. Após explicar os objetivos do meu trabalho a mulher responsável, assim como as outras pessoas autorizaram minha presença no espaço.

Perguntei se seria necessário apresentar algum documento por parte da universidade ou se precisava da autorização de alguém mais e me responderam que não era necessário e que poderia começar naquele mesmo dia. Como não tinha me preparado para começar o trabalho de campo, falei para elas que começaria a partir da semana seguinte e eles me informaram os horários em que trabalhavam que no caso eles começavam às 8:00 da manhã e iam até às 12:00.

Na semana seguinte, fui na segunda-feira no horário indicado. Como imaginei que ia ser um pouco incômodo fazer perguntas e ficar olhando enquanto eles trabalhavam me dispus a ajudá-los, pois dessa maneira conseguiria fazer uma melhor observação participante, como não tive uma resposta negativa, então comecei a ajudá-los nas atividades.

No primeiro dia, observei a maneira como estava distribuído cada trabalho entre as pessoas e que eles tinham um horário de descanso, que chamavam de Horário do Café, entre às 9.30 até às 9:45 da manhã. Nesse horário as pessoas aproveitavam para descansar um pouco e para compartilhar e consumir alguns alimentos que eles levavam. Aproveitavam também esse horário para se sentarem, uma vez que o trabalho era realizado em pé. Eu percebi que aquele momento de descanso era bom para conversar com eles

No segundo dia, perguntei coisas mais gerais como os nomes das pessoas e percebi que as pessoas que trabalhavam lá eram familiares. Uma coisa importante observada foi que as mulheres eram mais sociáveis que os homens. Ou pelo menos no começo era mais fácil estabelecer uma conversa e interação com elas em comparação com os homens. Elas sempre estavam atentas e dispostas a me ajudar, me explicar como se fazia a separação das embalagens da maneira correta e outras atividades do trabalho. Percebi que ajudá-los a realizar as suas tarefas fazia com que me recebessem melhor, nos primeiros dias sentia que minha presença no lugar era algo novo para eles, mas com o passar dos dias as pessoas já atuavam com naturalidade e se sentiam mais à vontade com minha presença.

Depois de duas semanas indo ao barracão, sempre às segundas-feiras e terças-feiras, uma mulher, que não tinha estado presente nos dias anteriores, se apresentou como coordenadora do barracão do Porto Belo. Ao me ver sentado com as outras mulheres perguntou quem eu era e as mulheres disseram que eu estava fazendo minha pesquisa de conclusão de curso. A coordenadora disse que mais tarde queria conversar comigo. Mas fui chamado para ajudá-la e naquele momento aproveitamos para conversar. Ela disse que não tinha nenhum problema de eu fazer meu trabalho com eles, só que no primeiro eu devia ter me comunicar à presidenta da COAAFI e apresentar um documento da universidade, para que ela soubesse o que eu estava fazendo no barracão de Porto Belo. Levei os documentos e os

apresentei para a coordenadora do barracão, que indicou que eu falasse com a presidenta da COAAFI.

Com a assinatura dos documentos por parte da presidenta da COAAFI, as pessoas e a coordenadora do barracão do Porto Belo ficaram mais tranquilos. Assim levei os termos de consentimento informado e esclarecido e a autorização para fazer o registro fotográfico, para que as pessoas assinassem. Como eles sabiam que a presidenta tinha autorizado fazer minha pesquisa e conheciam um pouco, não se opuseram a assinar meus documentos e de participar das fotos.

Continuei indo ao Barracão do Porto Belo todas as segundas-feiras e terças-feiras e alguns dias de feriados, que normalmente trabalhavam até mais tarde. Normalmente aos feriados eles pediam marmitas para almoçar e com isso conseguiam trabalhar até às 16 horas. Eu cheguei a ir em alguns feriados e ficava com eles o dia todo. Eles ficaram contentes com minha colaboração, porque normalmente nos feriados algumas pessoas faltavam, deixando o trabalho ainda mais pesado para os presentes.

### **Local de trabalho e a separação dos resíduos sólidos**

Como já foi mencionado, o local onde os Catadores trabalham fazendo o processo de triagem da reciclagem é um galpão ou barracão, nomes que são mais utilizados por eles que fica localizado na Região de Porto Belo, depois do Templo Budista e perto do Aterro Sanitário da cidade.

O barracão é um espaço grande retangular pintado com a paleta de cores que identifica a COAAFI - Branco, Verde e Cinza - tanto pelo lado de fora como pelo lado de dentro. A organização do trabalho se dava em pequenos grupos encarregados de realizar uma parte das atividades.





Foto- Barracão de Porto Belo- Registro do Autor- maio de 2023

No galpão do Porto Belo, algumas partes do telhado de zinco estavam destruídas, com risco de queda sobre as pessoas que estavam trabalhando. Questionei se eles não tinham medo de algum acidente e me responderam que não é a prefeitura que iria trocar o teto.

A questão do teto fez com que meu trabalho de campo se dividisse em três períodos. Antes da reforma do telhado eu consegui foi o primeiro em Outubro, quando cheguei e fiz o reconhecimento de campo e me adaptei ao lugar, as pessoas e as lógicas do trabalho. Durante a reforma do espaço muitas pessoas não trabalharam, o que dificultou a realização da pesquisa de campo.



Foto- Espaço de separação de materiais - Registro do Autor- novembro de 2022



Foto- Mesa de separação de materiais - Registro do Autor- novembro de 2022



Foto- Mesa de separação de materiais-2 - Registro do Autor- novembro de 2022



Foto- Parte superior da esteira transportadora- separação de materiais - Registro do Autor- novembro de 2022



Foto- Mesa de separação de materiais-3 - Registro do Autor- novembro de 2022



Foto- Mesa de separação de materiais-4 - Registro do Autor- novembro de 2022



Foto- Mesa de separação de materiais-5 - Registro do Autor- novembro de 2022



Foto- Espaço de separação de materiais-2 - Registro do Autor- novembro de 2022



Foto- Espaço de separação de materiais-3 - Registro do Autor- novembro de 2022

No final de novembro a prefeitura realizou a reforma do teto e do galpão, o que fez que quase metade das pessoas não fossem trabalhar, durante todo o mês de dezembro. Durante este período os trabalhos da cooperativa eram realizados lado do galpão, numa tenda montada pela prefeitura. Neste espaço improvisado foi instalada uma pequena esteira para que as mulheres continuassem a fazer a separação dos resíduos sólidos. No entanto, com mais da metade das pessoas não indo trabalhar em decorrência da reforma, a lógica da separação dos resíduos se alterou fazendo com que tipos diferentes de embalagem fossem misturados, o que impacta no valor que geralmente se recebe pelo material na hora da venda. Mesmo com essas dificuldades, fui quase todo o mês de dezembro para realizar a pesquisa de campo e fazer alguns registros fotográficos.



Foto- Telhado - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Espaço do Galpão de Porto Belo - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Mesa de separação de materiais - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Telhado do Galpão de Porto Belo - Registro do Autor- Dezembro de 2022





Foto- Parte superior da esteira transportadora - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Espaço do Galpão de Porto Belo- 2 - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Tenda do lado do Galpão de Porto Belo - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Espaço do lado do Galpão de Porto Belo - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Coleta manual - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Coleta manual-2 - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Mesa de separação de resíduos - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Pausa na mesa de separação de resíduos - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Saco com resíduos - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Mesa de separação de resíduos e embalagens do leite - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Mesa de separação de resíduos-2 - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Mesa de separação de resíduos- 3 - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Esvaziar - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Água - Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Papelão e plástico- Registro do Autor- Dezembro de 2022



Foto- Papelão - Registro do Autor- Dezembro de 2022



O terceiro período da pesquisa ocorreu desde Fevereiro até Maio de 2023

Com a conclusão da reforma as pessoas voltaram a cumprir suas horas de trabalho com normalidade, ocupando os mesmos lugares que já ocupavam antes, continuavam levando suas comidas para compartilhar durante o horário do café. Às vezes parecia que o tempo não tinha passado para eles, pois tudo estava da mesma maneira como estava antes da reforma. A única coisa que notei diferente foi a relação deles com a chuva, pois agora quando chovia forte, eles não tinham que se preocupar, o que permitia que o trabalho fosse feito com mais tranquilidade.



Foto- Papelão - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Luz e resíduos - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- resíduos sólidos - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Esvaziar - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Garrafas PET - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Sacos de reciclagem - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- arrumando os sacos de reciclagem - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Mesa de separação de resíduos-2 - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Mesa de separação de resíduos- Keila - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Mesa de separação de resíduos- todos - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Douglas - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Keila - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Sandra - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Raimunda - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Colegas arrumando - Registro do Autor- maio de 2023





Foto- Márcia - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Bola de Futebol - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Sacos plásticos - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Empurrar - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Rosilda - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Né - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- separação- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Solangela Aparecida - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Rosilda-2 - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Caminhão da coleta seletiva - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Caminhão da coleta seletiva-2 - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Caminhão da coleta seletiva-3 - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Caminhão da coleta seletiva-4 - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Caminhão da coleta seletiva - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Sol Rodrigues - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Felicidade - Registro do Autor- maio de 2023





Foto- Reciclagem pronta- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Papelão pronto- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Arrumando os sacos de reciclagem - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Lotado de resíduos sólidos - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Procurando- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- José e o papelão- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Tecendo- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Sorrindo- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Olhando para baixo - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Cooperando no trabalho- Registro do Autor- maio de 2023

Como já tinha colocado anteriormente, na separação dos resíduos, os catadores têm uma lógica própria e cada pessoa ocupa um espaço e uma função.

Antes de continuar quero dizer que todas as pessoas que trabalham no caminhão e no barracão, utilizam o uniforme e os outros equipamentos de proteção individual - EPI fornecidos pela cooperativa.

Falando um pouco sobre a divisão dos trabalhos que cada um faz dentro e fora do barracão, quero trazer por primeiro o trabalho que faz a Solange Rodrigues. Ela fica na parte superior da esteira, para realizar seu trabalho que consiste em empurrar os resíduos que o caminhão deixa na parte superior da esteira. Ela faz isso com uma vassoura Gari que permite empurrar a reciclagem com mais facilidade para as pessoas que ficam na parte inferior da esteira.

O chão em frente da parte superior da esteira, fica entre duas ou três pessoas, normalmente Valdir e a Vera, que encarregados de separar e guardar nos sacos de reciclagem o papelão que chega em grande quantidade. Essas pessoas também são encarregadas de colocar uma parte da reciclagem dentro de um saco e deixado na parte superior da esteira. Esse trabalho é feito normalmente por uma ou duas pessoas que seguram um de cada lado o saco e uma outra empurra a reciclagem com ajuda de uma vassoura. Quando o saco fica cheio de diferentes tipos de materiais ele é deixado na parte superior da esteira. Esse trabalho, faz com que o trabalho seja feito mais rapidamente, pois as pessoas que ficam na parte inferior da esteira, não ficam aguardando por muito tempo que o material seja empurrado por Solange Rodrigues na parte de cima.

Já na parte inferior da esteira, onde fica o maior número de pessoas, é onde se faz a maior separação dos resíduos sólidos dentro do barracão. Normalmente são de oito a dez pessoas trabalhando nesse segmento. Cada pessoa separa um tipo de embalagens ou de resíduo sólido. Por exemplo, tem uma pessoa que faz a separação das embalagens plásticas de cor branca, como por exemplo, garrafas de produtos de limpeza e de iogurte, etc. Quem faz essa separação é Rosilda. Outra pessoa é encarregada da separação das embalagens pet de cor verde e azul, em um saco, e às transparente, em outro. Normalmente este tipo de embalagens são garrafas de refrigerantes e de água. A pessoa que normalmente faz esse trabalho é Rosana. A separação das embalagens de tetra pak, que são as caixas de leite, leite

condensado, sucos, creme de leite, etc. Normalmente é feita por uma mulher, a Márcia. As garrafas de Óleo de cozinha, em um saco de reciclagem, enquanto em um outro são colocadas as embalagens de alumínio como por exemplo as latas de Nescau, do atum, da sardinha, etc. Normalmente quem faz essa separação, é a Dona Sandra. A separação das latas de cerveja em um saco de reciclagem e um outro as embalagens de desodorantes em aerossol, é feita por várias pessoas que revezam nessa atividade. A separação das sacolas plásticas é feita observando a cor, em um saco para receber as brancas e transparentes e em outro as sacolas plásticas pretas. Geralmente quem faz essa separação é Dona Raimunda. As folhas de papel, embalagens de papel e papelão, são feitas pela Keila. Assim como as caixas de ovos e das embalagens de caixas de doces, comida, chá, etc. São feitas pela Victoria da Silva. Outra pessoa separa as embalagens de vidro, tanto as quebradas quanto as inteiras, essa separação também obedece a cor e o tipo de produto. Geralmente quem faz esse trabalho é Solange Aparecida. Também tem uma pessoa que fica no final da esteira e coloca tudo o que não é reciclável dentro de um saco com ajuda de uma vassoura, que depois é deixado num lugar específico para que as pessoas do aterro levem. Quem faz esse trabalho às vezes é Douglas.

Outras duas pessoas, geralmente José Eduardo e o Timóteo, vão amarrando os fardos ou sacos de reciclagem que as mulheres da esteira e outras pessoas vão enchendo.

Existem algumas outras atividades consideradas secundárias são feitas na parte de trás do barracão que consistem na separação de outros materiais recicláveis, mas que pode ser feito com mais tranquilidade e em qualquer momento, não demandando a mesma atenção que os outros. Dentro dessas atividades também está aquela de colocar os vidros quebrados em um espaço, ao lado do barracão, exclusivo para esse material que, quando fica cheio, é levado por uma pessoa de fora da cooperativa para o processo de convertê-los em vidro de novo.

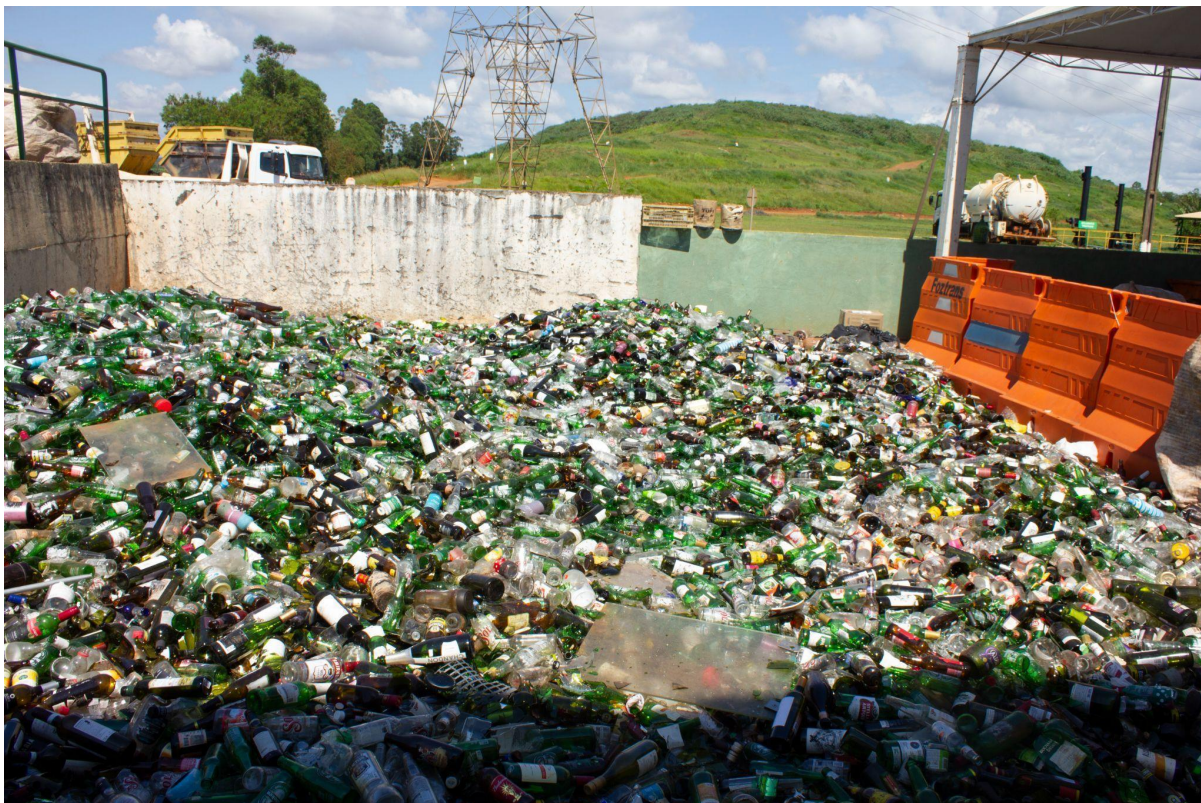


Foto- Vidros - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- reciclagem e o milho- Registro do Autor- maio de 2023





Foto- resíduos e o cachorro- Registro do Autor- maio de 2023

O trabalho é realizado em conjunto e todos se ajudam para que a sua execução se dê da melhor maneira possível. Não existe um ambiente de competição, pois todos demonstram entender qual é a sua função, e os dias que alguém não comparece essa ausência é contornada pela forma como as atividades são realizadas cooperativamente.

Uma parte que eu mesmo cheguei a experimentar, foi a questão dos cheiros fortes por causa das embalagens que ainda tem restos de comida e bebidas, e às vezes com conteúdo desconhecido que impossibilitam o uso da embalagem para o processo da reciclagem. É comum ter restos de comida dentro da sacola de reciclagem. Isso sem contar os dias que chove e alguns materiais chegam molhados e com um cheiro muito forte. Dentro do barracão as pessoas que têm que suportar ainda mais esses cheiros, são as pessoas que estão na esteira, porque eles têm contato direto com os resíduos sólidos.

Por fazerem parte da COAAFI, eles devem cumprir o horário de trabalho e assinar a sua presença do dia, fazer uso do uniforme de trabalho e uso dos equipamentos de

proteção individual. Se a pessoa faltar terá o dia descontado do salário, além de perder os benefícios como é o recebimento de uma cesta básica mensal de alimentos, caso a falta não seja justificada ou ter várias faltas no mês.

## Cap.2. Olhar Antropológico

O café é o momento onde eles saem da lógica do trabalho da reciclagem, é quando conseguem interagir de forma mais livre, contando um pouco sobre suas preocupações cotidianas, compromissos, familiares, vida religiosa, etc.

O antropólogo José G Magnani (2002), nomeia como um olhar “de perto e de dentro”. Para ele, dentro da cidade existem atores sociais os que não são incorporados de forma primária na lógica das cidade, mas que quando observa-se as suas rotinas podem se pode se ver a existência de pontos de encontro, atividades em comum e redes de sociabilidades que nos permite perceber e entender outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade.

A cidade é onde existe uma maior oferta de oportunidades de emprego e serviços e se constituem e determinam alguns estilos de vida. A observação da dinâmica de tais grupos pode nos ajudar a identificar dinâmicas próprias da cidade, dificilmente percebidos estando do lado de fora.

Então a partir do o olhar “de perto e de dentro”, de Magnani, o espaço do barracão de Porto Belo, onde os catadores da COAAFI trabalham, cria-se um ponto de encontro e a troca de experiências na esfera do trabalho e, a partir da minha observação, sinto que seus comportamentos como indivíduos que estão dentro da lógica e a paisagem da cidade.

### Parte final do trabalho de campo

Durante o trabalho de campo, gostaria de ter feito o registro fotográfico nas casas de todas as pessoas que trabalham no Barracão do Porto Belo, mas não foi possível por razões de tempo e disponibilidade das pessoas, questões climáticas, mudanças das rotinas das pessoas, etc.

Outra questão que impediu tais registros foi a questão de gênero e religião. A maior parte das pessoas que trabalham lá são mulheres, e algumas delas, em decorrência da religião que praticam, não podem levar homens quando estão desacompanhadas em casa. Outras porque os maridos, por questões relacionadas à ciúmes, não

gostavam que suas esposas recebessem pessoas que eles não conhecem, em especial homens. Assim, fiz o registro fotográfico nas casas, apenas com as pessoas que, com muito prazer, me deixaram tirar as fotos. Com as outras pessoas fiz o registro apenas no lugar de trabalho, pois pensei que era importante mostrar quem são essas pessoas que menciono na minha etnografia.

### **Relatos de vida dos Catadores**

Os relatos de vida que se seguem, são algumas falas onde eles compartilham como é a vida como trabalhadores de resíduos sólidos na cidade de Foz do Iguaçu, um pouco sobre como começaram a trabalhar nesta profissão e as coisas boas e ruins de trabalhar na reciclagem, além de compartilhar algumas informações pessoais sobre suas vidas. Os relatos também são acompanhados de algumas fotografias, onde se observa quem são as pessoas, suas casas e o local de trabalho.

O objetivo das fotos dos locais onde eles moram, é apresentar onde vivem, e como o trabalho da reciclagem contribui para que eles vivam uma vida digna.

Por último, é importante dizer que as pessoas autorizaram o uso dos nomes reais no trabalho e também autorizaram o uso das fotografias onde eles e seus familiares aparecem.

#### **Rosilda (Rose)- 01- março-2023**

Meu nome é Rosilda Alves de Oliveira, eu tenho 42 anos, nasci em Foz do Iguaçu, e eu moro no Jardim Califórnia desde que eu nasci e é a mesma casa ainda. Eu tenho três filhos, eu sou casada e trabalho no barracão de reciclagem faz 20 anos. Antes de trabalhar no barracão, a gente já trabalhava no Aterro Sanitário. Minha mãe também chegou a trabalhar no aterro, e agora trabalha também lá no barracão. Então a gente trabalha junto, uns 20 anos já, tem tipo umas 16 pessoas que são as mesmas que veio do aterro e estão no barracão de reciclagem. Agora, “nós trabalha” no barracão. Na Cooperativa a gente junta o material, tem um caminhão que a prefeitura deu para nós, é a prefeitura de Foz, e duas pessoas sai pra coletar na rua, de porta em porta, nas casas das pessoas. A gente deixa uma bolsa para

cada morador, eles juntam o material e a gente coleta com o caminhão um dia da semana e leva no barracão e cada dia é num bairro diferente. Depois é levado para barracão e lá a gente faz a separação de cada material, depois a gente vende esse material, divide entre os Cooperados e assim é a nossa renda.

Eu gosto de trabalhar no barracão, porque lá além de eu tirar minha renda, ainda tem muita coisa que as pessoas colocam no reciclado, como roupa, calçado, a gente já achou celular, teve gente que já achou dinheiro. Tem muita coisa que a gente reutiliza em casa que as pessoas já não usam mais e jogam, e pra nós é de serventia.

A parte que não é boa de trabalhar com o reciclado é que tem pessoas que não faz a separação correta. Tipo para nós é só colocar o que é reciclado mesmo na bolsa, mas tem pessoas que coloca o lixo de cozinha que tipo vai pra o aterro, que a pessoa deveria colocar no dia do caminhão que vai para o aterro e não na bolsa de reciclado. Por exemplo, coisas como papel higiênico, fraldas, essas coisa ainda estão indo misturada e dá mau cheiro né. Nós lá trabalhando às vezes sai caco de vidro que nós pode se cortar, então tem que tomar cuidado na hora de colocar na bolsa, para que nós possamos fazer nosso trabalho da melhor maneira e sem perigo.



Foto- Rosilda e o telefone- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Rosilda fumando- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Família- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Em frente de casa- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Na mesa- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Rosilda na cozinha- Registro do Autor- maio de 2023





Foto- Estudando- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- As filhas da Rosilda - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- lembranças - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Rosilda sorrindo- Registro do Autor- maio de 2023

**Marcia- 17- março-2023**

Meu nome é Marcia Moreira dos Santos, tenho 42 anos, trabalho no barracão de reciclagem já faz mais de 12 anos. Gosto muito do serviço que eu faço, acho muitas coisas boas, e muitas coisas que dão para utilizar em casa. Gosto dos meus companheiros de trabalho, são todos gente trabalhadoras e humildes, que nem eu. Tenho duas filhas e duas netas. Uma das minhas filhas mora comigo que a mãe das minhas netinhas. Tenho meu carrinho que comprei trabalhando honestamente no barracão de reciclagem. Não tenho uma casa própria, então pago aluguel, mas eu creio que vou conseguir uma casa própria se Deus quiser, sou muito feliz com o trabalho que eu tenho.



Foto- Márcia com frio- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Márcia cozinhando- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Márcia deitada- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Márcia e a família- Registro do Autor- maio de 2023

### **Solange Rodrigues de Camargo (Sol)- 17- março-2023**

Meu nome é Solange Rodrigues de Camargo, tenho 42 anos, nasci em 1981, tenho duas netas. Trabalhei no Aterro Sanitário desde os 14 anos, então já faz 28 anos que trabalho entre aterro e a Cooperativa. Gosto muito do meu trabalho, é meu sustento, o sustento da minha família. Eu pago aluguel, não tenho ainda minha casa própria, e tudo eu tiro do sustento é do barracão, do meu trabalho. Consegui comprar um carrinho “para mim trabalhar”, graças a Deus. Tudo meu serviço que é o barracão de reciclagem e gosto muito de trabalhar lá, a gente acha bastante coisa que dá para utilizar. É um serviço bom e eu gosto, é divertido, as companheiras de trabalho são todas divertidas, são todas amigas, parceiras.

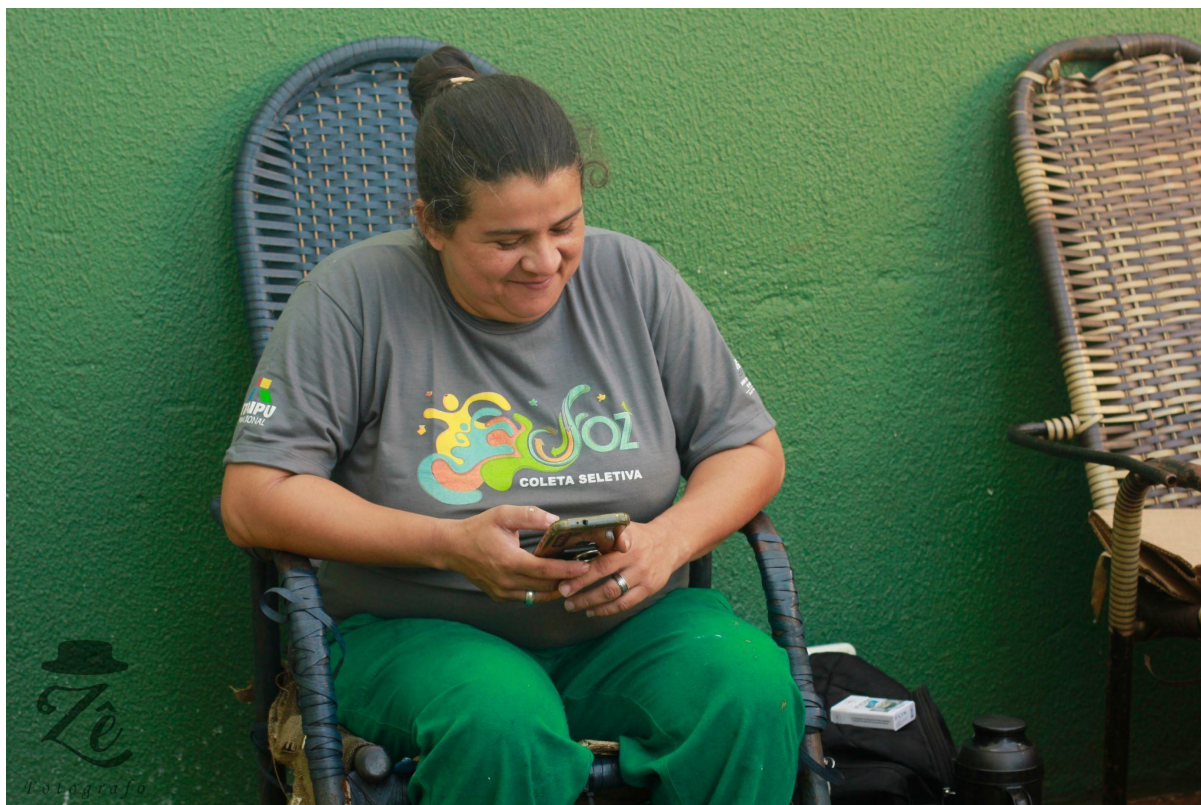


Foto- Sol no intervalo- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Sol e a neta- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Sol e as netas no balanço- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Olhando para ela- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Felicidade- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- A família e o carro- Registro do Autor- maio de 2023



**Raimunda- 18- março- 2023**

Meu nome é Raimunda Alves de Jesus de Santana, trabalho no barracão, e lá no barracão é onde a gente tem amizade com todos né, lá do barracão. Então, foi esse rapaz lá da UNILA né, ajudar nós lá, então a gente está muito feliz.

Tenho quatro filhos, né. Tenho uma outra menina adotiva e ela muito querida, minha família é muito unida né. Assim, então meu sustento vem tudo ali do barracão, a gente está muito feliz de trabalhar né. Tenho meu esposo, tenho minha casa própria.

O povo da prefeitura ajuda muito a gente e eu trabalho, vou de bicicleta né. Eu que vou fazer 67 anos agora aqui mês de Agosto né. Eu sou de 1955, então a gente ainda trabalha né, porque o benefício da gente ainda não saiu, mas eu espero em Deus que vai sair em nome de Jesus. Mas graças a Deus tem saúde para a gente batalhar né.

Mas eu chego em casa, cuido dos meus afazeres né. Limpo a casa, me preparo, vou para igreja, e lá faço as minhas obrigações lá na igreja e depois retorno para meu lar provisório né. Porque a nossa mansão celeste tá ali no céu né. Esperando nós, e nós estamos aqui no lar provisório né. É nosso mesmo aqui graças a Deus, eu agradeço muito a Deus por esta moradia né.

Eu crio galinha ali nos fundos do quintal, porque é uma carne também né. É um alimento para a gente né, e meus vizinhos também, se pedir eu estou pronta assim dar pra eles também frango, assim para eles comer.

Eu vivo bem com toda minha família, meus vizinhos, então daí a gente tá muito feliz né. Eu, meus filhos, meu menino trabalha também, as minhas meninas, todo mundo trabalhou lá no barracão né. Meu menino trabalhava, mas daí ele saiu. Tem duas filhas que moram em Curitiba também, mas elas lá têm o trabalho delas né. Então, eu não sou originária daqui de Foz, eu sou do Espírito Santo, aí eu vim com 12 anos pra cá, e daí estou aqui, me formei aqui, tudo né. Só não tenho estudo, mas para mim já tá muito bom, que se tendo seu custo de vida já tá bom demais. Os meus filhos, todos eles têm estudo né. Só eu que não tenho, mas a gente bebe a mesma coisa né. De mim mesma são três meninas, mas tem uma filha adotiva, que a mãe dela ia abandonar ela no hospital. Eu senti aquela dor no coração, eu senti que aquela menina ia ser minha. Aí conversei com a mãe dela, ela já trouxe na minha casa aquela criança e a gente adotou ela. Fomos lá no fórum, fizemos documentos

dela, tudo certinho e graças a deus ela tá registrada no meu nome e eu estou muito feliz mesmo, então isso é um pouquinho da minha vida.



Foto- Raimunda no trabalho- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Raimunda e as plantas- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- espaços - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Família- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- No quintal- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Na cozinha- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Raimunda e o Chico- Registro do Autor- maio de 2023

### **Sandra- 9-maio-2023**

Meu nome é Sandra Mara Barbosa, tenho 63 anos, trabalho aqui a muito tempo, a muitos anos. Minha vida toda foi aqui no meu trabalho no barracão de reciclagem e estou aqui até hoje. Na minha casa moro eu a minha filha e um neto, eu sou mãe de cinco filhas mulheres, dois filhos homens.

Agora que eu tou aqui na Cooperativa, eu saí do aterro, a gente trabalhava no lixo, no lixão, daí a gente saiu e já fez a Cooperativa e colocou a gente na Cooperativa. A minha vida toda foi trabalhar com reciclado. Eu gosto muito do meu trabalho, dependo do meu pagamento aqui, moro a muitos anos aqui em Foz, eu vim de Planalto, Rio Grande do Sul, com 10 anos eu vim pra cá que minha mãe faleceu, eu vim embora pra cá.

Aqui eu fiz a minha vida e fiz a minha família, meu trabalho, tenho a minha casinha, não é uma casa chique, mas é uma casa que dá pra mim morar com a minha família.

Aqui sempre foi bom de trabalhar, eu gosto do meu trabalho, dependo dele também. A maioria das vezes vem meio reciclado, às vezes vem um pouco lixo, vêm material bom e é assim.



Foto- Retrato- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Escutando a Radio- Registro do Autor- maio de 2023

### **Keila- 9- maio- 2023**

Meu nome é Keila da Silva, nasci aqui em Foz, mas meus pais eram do Espírito Santo, eles tiveram quatro homens e três mulheres. Eu moro aqui em Foz no bairro Jardim Califórnia 1, que fica na região do Porto Belo, já trabalho aqui no barracão já faz mais de 15 anos. Tenho dois filhos, uma menina e um piá, um tem 10 anos e outro 5, tenho uma casa própria, sou casada. Gosto muito de trabalhar aqui, eu e as minhas irmãs trabalhamos aqui. Eu gosto de trabalhar aqui no barracão, mas daí são bastante coisas que chegam e não são recicláveis. Então acho que as pessoas deveriam ser mais conscientes de jogar coisas que não sejam orgânicas ou outras coisas que não dá pra reciclar.



Foto- Um dia frio- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Na hora do café - Registro do Autor- maio de 2023



**Solange Aparecida da Silva- 9- maio- 2023**

Meu nome é Solange Aparecida da Silva, sou de Foz e moro aqui na região de Porto Belo, sou tímida, tenho duas irmãs que trabalham aqui junto comigo na Cooperativa, já trabalhamos aqui faz uns 15 anos. Aqui no barracão a gente encontra muita coisa que ainda dá pra usar e que as pessoas jogam no reciclado.



Foto- Na pausa - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Solange sorrindo- Registro do Autor- maio de 2023

### **Timóteo Silva Filho- 9- maio- 2023**

Meu nome é Timóteo Silva Filho, eu sou reciclador aqui na Cooperativa e acho que levo já 12 anos nessa Cooperativa trabalhando, apesar de que saia e voltava né, lá e voltava, mas completo acho que tem mais de 12 anos já. Cheguei a trabalhar lá em cima no lixão mesmo, quando ainda não tinha Cooperativa aqui. Trabalhei lá no Aterro Sanitário com algumas das pessoas que hoje estão aqui né, e agora nós estamos aqui dentro do barracão. Muitos já saíram, muitos já voltaram, outros arranjaram um outro serviço melhor, eu ainda continuo na reciclagem e tamo aí né.

Com a reciclagem eu consegui comprar muita coisa em casa, consegui comprar geladeira que nós não tinha, comprei um fogão com o dinheiro da reciclagem. Também consegui comprar para meu filho um videogame que ele tanto queria, meu filho tem 13 anos, ele estuda no colégio ali em cima Carmelita no Porto Belo, ele queria muito o videogame e com a Cooperativa conseguimos comprar pra ele.

A gente vai levando a vida nessa Cooperativa, tem uns dias que eu trabalho no caminhão da reciclagem como coletor, e os dias que não estou no caminhão estou

aqui no barracão. mas tem alguns dias que se precisam de alguém para carregar tenho que carregar né. No caminhão nós vamos na Vila C Velha e na Vila C Nova, depois tem a Cidade Nova 1 e Cidade Nova 2, depois tem a Universitário, tem o São Sebastião, esse seria o trecho e tem que terminar, completar a carga e ir embora.

Eu moro no Jardim Califórnia 2, perto do Templo Budista ali. A nossa casa é própria, que nossa mãe doou para nós. Eu sou daqui de Foz do Iguaçu, meu pai era de Guaíra, PR, mas ele já é finado, e a minha mãe é daqui de Foz e ela ainda é viva. Eu tenho duas irmãs e um irmão, só que todos já casados e moram longe, moram em Santa Catarina, só a minha irmã que mora aqui junto comigo e ela trabalha na Vital, mas o resto estão morando longe.

Tem hora que o pessoal manda muito lixo junto, mandam máscaras, essas coisas do hospital junto né. Também lixo doméstico, bem junto o lixo doméstico e aí já é orgânico também, já atrapalha um pouco ali nós, mas é a vida da gente, nós temos que continuar a trabalhar né. Aí tem que ir levando a vida catando reciclagem.



Foto- Retrato- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Espaços- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- No trabalho- Registro do Autor- maio de 2023

**Vera E. Dias- 10- maio- 2023**

Meu nome é Vera Lucia Evangelista Dias, eu trabalho na Cooperativa dos Catadores, eu sou de Guaíra. PR, e faz uns 30 anos que eu vim aqui para Foz. Daí cheguei aqui já comecei a trabalhar no Aterro e, naquela época, cada um trabalhava por conta, daí depois em 1992 a gente começou a trabalhar na Cooperativa, e aí eu estou até hoje trabalhando na Cooperativa.

Eu moro no bairro Porto Belo, minha mãe morreu quando eu tinha 15 anos e agora estou com 53. Então viemos de Guaíra pra cá, eu tenho mais irmãos, mas alguns moram em Rondônia, outro em Curitiba, nós somos em sete irmãos, todos espalhados por aí. Eu não tenho filhos, cheguei a ficar casada por 7 anos e daí meu marido faleceu, e daí não quis saber mais de casamento não. E naquele tempo nós morávamos lá do outro lado da rua.

Na casa onde hoje moro é minha eu construí mesmo com coisas que eu acho lá embaixo e trago. Por exemplo a pintura dela mesmo é tinta que eu acho lá embaixo e trago. Já trouxe areia, restos de cimento, tudo de construção que via lá que me servia trazia, tijolo já cheguei a trazer tijolo de lá, talba porque a minha casa ainda por dentro ela é de talba né. Só é de material por o lado de fora.

Todas essas talbas eu trouxe de lá, que eu ia carregar e aí a gente achava na beira da rua, estava lá e a gente pedia né, as pessoas davam e eu trazia. Aqueles palanques, aqui mesmo que eu fiz os muros, aquele ali eu trouxe lá do outro lado da cidade, pegue os piá e nós fomos lá e trouxemos.

Sempre trabalhamos lá no barracão, mas teve um tempo que fomos trabalhar no Morumbi, mas a maioria dos tempos sempre foi ali, era só até construir ali né, daí nós fomos pra lá. Eu sou a coordenadora de lá do barracão de Porto Belo, e represento ele na parte administrativa na Cooperativa da COAAFI. O bom de trabalhar lá é que você consegue se manter, tirar tua a renda de lá. No começo a gente trabalhava por conta, começava a trabalhar às 5 da manhã, então a gente mesmo fazia horário da gente, só daí depois que entramos na Cooperativa que não, mas o bom de trabalhar é que você trabalhava mais por conta.

Eu também comecei a trabalhar nisso por causa que não tinha oportunidade de serviço né, ia procurar serviço daí tinha que ter estudo, tinha que ter isso, experiência e daí nada disso eu tinha. Então aí eu optei e a única solução foi, vou começar a catar reciclado e daí fui vendo que tava dando dinheiro e aí continuei e estou até hoje e eu gosto do que eu faço.

O não tão bom é que as vezes que chega lixo, lixo de banheiro, de cozinha que não é reciclado, até às vezes bicho morto chega também. Então é complicado as vezes chega cada tipo de lixo lá que só por Deus mesmo. Mas tirando isso daí é bom, mas tem hora que não dá para suportar o cheiro.

Então as pessoas têm que se conscientizar mais né. Passar uma aguinha nas caixinhas de leite, também nas dos molhos de tomate pra daí descartar para os catadores né, daí já não teria tanto esse cheiro, principalmente as caixinhas de leite que tem aquele cheiro azedo, então dá uma enxugadinha e daí coloca para o reciclado.

Porque muitas vezes associam o cheiro ruim a nós quando na verdade são eles que não estão nem aí porque supostamente a gente trabalha no lixo. Também com meu trabalho consegui comprar a minha moto e com ela vou e volto do meu trabalho, então ajuda bastante né.



Foto- Com as plantas- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Embaixo das fotografias- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Espaços- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- No quintal- Registro do Autor- maio de 2023





Foto- Piscina- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Na moto- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Na cozinha- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Na frente de casa- Registro do Autor- maio de 2023

**Douglas chagra Flausino Soares- 19- maio- 2023**

Eu sou Douglas trabalho na coleta seletiva a 1 anos e 4 meses, moro aqui mesmo em Foz do Iguaçu, na Região do Porto Belo. O serviço é bom, é bom de trabalhar aqui, eu já gostei de trabalhar. Para mim é uma honra trabalhar aqui como coletor da coleta seletiva. Toda minha família são daqui, eu tenho 24 anos, somos três irmãos, um trabalha com frentista, outra como Caixeira, eu só trabalho com coleta, moro com meus pais e meus irmãos. Eu faço a coleta com o caminhão na segunda, quarta e na sexta. são sempre esses três dias que a gente sempre trabalha, segunda nós começa no bairro na Vila C, na quarta sempre é aqui na vila mesmo e na sexta no Vila B, Vila B, Cidade Nova e Condominio.

Eu me orgulho muito de trabalhar com reciclado e minha ideia é continuar a trabalhar com reciclado. Eu gostaria que no barracão tivesse energia, porque a gente sempre quer a energia para poder trabalhar com a esteira, tá demorada demais. Eu quando estou no barracão sempre desmonto os motor para venda, ou fico na esteira ou separando os materiais que vai vender.



Foto- Retrato- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- trabalhando- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Desmontar- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Tudo ok- Registro do Autor- maio de 2023

### **Jose Eduardo Almeida- 20- maio- 2023**

Meu nome é Jose Eduardo, tenho 21 anos, eu nasci em Santa Catarina e moro em Foz desde que eu era pequeno, trabalho na Cooperativa de reciclável. Sou um cara muito tímido, faz um tempo que eu trabalho ali no barracão. Ali realmente é um lugar bom, as pessoas são muito humildes e ali vem várias pessoas para me ajudar, consigo encontrar as coisas.

Com minha mãe, viemos desde Santa Catarina a morar em foz, moramos sempre no mesmo bairro e na mesma casa. A casa é da minha mãe e eu ajudo ela trabalhando porque ela não tem nenhum benefício.

Eu estudei aqui e me formei do ensino médio no Colégio Carmelita de Souza Dias, aqui em Porto Belo. Além de trabalhar com a reciclagem eu quero ser policial civil, mas no momento vou cursar só um curso de segurança. O motivo de eu trabalhar lá

é porque no momento necessitava e não tinha emprego, então com ajuda das mulheres lá e elas me ajudando gostei muito de trabalhar lá.

O ruim do trabalho de lá é que as pessoas da cidade não entendem o motivo da reciclagem, então jogam muitas imundícies, jogam coisas que não se devem, lixo, roupas que não são recicláveis. O bom de trabalhar lá é que um dia enquanto eu estava trabalhando um moço me parou e me deu uma bicicleta que me ajuda a me deslocar até o local de trabalho que é um pouco longe da minha casa e essa é mais ou menos minha rotina diária, graças a Deus estou vencendo com ajuda do pessoal da reciclagem e isso é muito bom.



Foto- Olhando para a cozinha- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Espaços- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- No meio das paredes- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- No portão - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Com as roupas- Registro do Autor- maio de 2023





Foto- No quintal com o gato- Registro do Autor- maio de 2023

### **Valdir Lemes da Silva- 20- maio- 2023**

Meu nome é Valdir Lemes da Silva, tenho 45 anos, sou natural de Malacacheta, Minas Gerais, vim criança para Ubatã onde meus avós moravam e estou aqui em Foz acho a 25 anos mais ou menos. Eu moro aqui na Vila C desde 1997, aí comecei a trabalhar de vigilante em 2010, faz 12 anos que eu trabalho no Aterro de vigilante e tem 1 ano e 5 meses que eu estou na coleta lá seletiva, no barracão da unidade de Porto Belo e estou lá para ganhar um extra. Com o trabalho de vigilante eu consegui comprar a minha casa, que eu moro aqui na Vila C, comprei meu carro, tinha uma moto, acabei vendendo. Ajudo a minha mãe no que posso e essa é a luta.

O bom de trabalhar lá é que são quatro horas normalmente, que a gente faz na parte da manhã, isso é bom pra mim que dá para eu fazer meu serviço à noite e trabalhar mais quatro horas lá. O ruim é que o pessoal da cidade joga muito lixo que não é reciclado no meio né. Aí vem fezes, tem vezes que você acha bicho, comida. Mas tirando isso o trabalho é tranquilo. Lá o serviço do barracão, metade são

homens e a outra metade mulheres, os homens são mais pra carregar no caminhão e as mulheres trabalham mais na esteira, mas normalmente ficam 2, 3, 4 homens no barracão e daí vão fazendo de tudo, Um tiram papelão, outro vai na esteira, outro empurra o que não é reciclável na esteira e um ajuda colocar o reciclável na esteira com ou ajuda amarrar os fardos de reciclado.



Foto- Arrumando o arame - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- assistindo a tv - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Espaços - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Trabalhando no quintal - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Arrumando- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Olhando - Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Concluindo- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Com as plantas- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- ângulos- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- Na frente de casa- Registro do Autor- maio de 2023

### **Rosana Volpato (Né)- 20- maio- 2023**

Meu nome é Rosana Volpato, moro no Jardim Califórnia 1, tenho 37 anos, tenho uma filha de 12 anos, sou casada, moro numa casa própria, trabalho na reciclagem faz um 1 e 5 meses. Tenho 11 irmãos, três homens e oito mulheres e minha mãe. Eu gosto de trabalhar na reciclagem porque a gente encontra muita coisa que dá pra levar pra casa. Eu tenho minha bicicleta que me ajuda a ir e voltar né.

O ruim de trabalhar é que às vezes o cheiro é muito forte por causa de que as pessoas jogam lixo dentro do reciclado. Então às vezes quando sai um desodorante em aerossol eu passo para disfarçar o cheiro né, gosto muito do que eu faço, gosto muito do meu trabalho e é isso aí.



Foto- Retrato Né- Registro do Autor- maio de 2023



Foto- No trabalho- Registro do Autor- maio de 2023





Foto- Pensando- Registro do Autor- maio de 2023

### Cap. 3 Antropologia Urbana e a relação com os catadores de reciclagem

A partir do que acontece nas cidades e as dinâmicas que ela apresenta, busco fazer uma relação entre a Antropologia Urbana e o trabalho dos catadores de reciclagem.

Muitas vezes sendo considerados como trabalhos marginais, por ter uma origem de trabalho informal que era feito inicialmente na rua e por ser pensado como um trabalho que não seria feito pela maioria da população.

Ao apresentar o trabalho da catação de reciclagem aqui entro, por conseguinte, na categoria do que é percebido como um trabalho marginal por algumas pessoas da cidade, uma vez que estendemos, em muitos casos, aos catadores da reciclagem a mesma relação que estabelecemos com os resíduos que consideramos como lixo. Normalmente o lixo é percebido como aquilo que não presta, como algo que deve ser rejeitado, descartado e evitado.

Como muitas vezes as mesmas categorias atribuídas ao lixo estendem-se aos catadores, não se reconhece neles uma pessoa com dignidade, por ser alguém que vive do lixo ou no lixo. Na verdade, eles são pessoas que realizam tal trabalho como uma forma de sobreviver, dentro das dinâmicas e oportunidades que a cidade oferece.

Na dinâmica da cidade e das pessoas catadoras de resíduos para a reciclagem é importante ter presente que somos nós os que produzimos dentro das nossas casas, no trabalho e demais lugares o que chamamos de lixo. Mas minha intenção em abordar este tema aqui é pela questão de que na nossa sociedade e principalmente na vida das cidades, existe uma coisa que poderíamos chamar de **cultura do descarte** como o Rodrigo Sabatini e a Tainá Wanderley (2021) falam sobre o que é lixo?, no seu livro Cidades Lixo Zero.

A partir do que é apresentado no livro Cidades Lixo Zero podemos ver a relação que tem o lixo com o processo de urbanização desde a revolução industrial e como as cidades, e as próprias casas, foram construídas pensando em uma lógica de produção. Ou seja, cada coisa está em um determinado lugar com uma determinada função e posição que obedecem a uma lógica específica de produção. Ocasionalmente o trabalho desenvolvido pelos catadores cooperados obedece a essa mesma lógica de produção, quando paramos para pensar no espaço onde os

catadores da COAAFI fazem a triagem dos resíduos sólidos, pois é um lugar que tem o desenho de uma fábrica. Sabatini e Wanderley apresentam que nessa lógica de querer espaços organizados, limpos e belos, fazemos uma transformação dos ambientes que não apresentam essa lógica para nós. Por isso, eles também ressaltam que ao mesmo tempo que procuramos viver em uma sociedade limpa e organizada, somos pessoas que temos e vivemos uma **cultura do descarte**.

Queremos tudo limpo e organizado, mas não queremos nos responsabilizar pelos resíduos que geramos. A indústria nos ajuda em tal processo, ao criar objetos e coisas que perdem sua funcionalidade rapidamente tornando-se obsoletos, para que entremos na lógica do consumo. Mas o que acontece com aqueles objetos é que eles viram lixo. E é nesse ponto onde nosso tema toma importância, pois ao pensar o que é o lixo. Então, quando Sabatini e Wanderley falam do lixo é importante ressaltar que é uma fala sobre uma atitude que tomamos frente aquele objeto ou coisa, pois nossas ações foram as que transformaram uma coisa em lixo. É importante dizer que o Sabatini e Wanderley se inspira no que o Paul Palmer escreve no seu livro *Alcançando o Lixo Zero*, “um lixo é qualquer objeto cujo proprietário não deseja se responsabilizar por ele. Esta definição parte de duas premissas: Um proprietário identificado; e o fato de que não são propriedades intrínsecas a um objeto que o definem como lixo, mas uma atitude dessa pessoa/instituição”.(Palmer, Paul, 2005).

Se é nossa atitude que transforma uma coisa em lixo, então podemos transformar a cultura do descarte e propor uma que seja voltada para o cuidado e a sustentabilidade, através da reutilização daqueles objetos.

Quando se olha para as maneiras como são gerenciados os resíduos sólidos que produzimos, observa-se que tais escolhas são feitas para não nos responsabilizar, pois parece que o objetivo é se livrar do lixo, sem que se reflita nas consequências ambientais e sociais que isso traz. Na atualidade pagamos para que o que é colocado no saco preto suma da nossa calçada sem nos preocupar onde ele vai parar. Mas isso mostra de como somos e como a nossa sociedade nos incentiva a não nos preocupar com aquilo. O mundo passa por um momento que exige de nós uma mudança que nos exige rever a produção de tantos resíduos e não ter um adequado gerenciamento dos mesmos.

Um dos problemas na atualidade é que se explora uma grande quantidade de recursos naturais para produzir objetos, que são descartados em pouco tempo e o planeta não tem suportado as demandas das pessoas por novos recursos.

Então, olhando para tal panorama é possível perceber que a questão do lixo não envolve apenas questões sociais e ambientais, mas sim muitos pontos, entre eles questões políticas e culturais, que afetam a todo o planeta e não apenas localmente uma parte da população.

Como indica Paul palmer,

Precisamos adotar uma mentalidade de reutilização porque a saúde a longo prazo do planeta requer a preservação permanente de recursos. A reciclagem vai ser o foco do trabalho de muitas pessoas por milênios vindouros. A poluição, como a conhecemos, será apenas uma memória distante ou talvez o resultado de acidentes ocasionais. Daqui a cem anos, as crianças não serão capazes de acreditar que tal coisa sempre foi tolerada. (Palmer, 2005)

Na atualidade o trabalho da reciclagem não é enxergado com a importância que deveria, no entanto, como nos apresenta Paul Palmer ele será uns dos trabalhos que terá grande importância e valor. Considero que dentro do modelo lixo zero, se reconhece a importância do trabalho dos catadores de reciclagem ao ser um trabalho que contribui para um mundo mais sustentável.

É importante também que, ao levar adiante o modelo lixo zero dentro de nossas casas, empresas e escolas, poderemos fomentar a consciência das novas gerações, para que eles saibam a importância que tem o trabalho do catador e a importância de reciclar e de sermos responsáveis pelos resíduos que geramos. Assim, as pessoas poderão fazer uma melhor separação dos seus resíduos e tentarão deixá-los em condições adequadas para que possam ser reaproveitados. Também é importante reconhecer que deveriam existir políticas mais adequadas de reconhecimento do trabalho dos catadores.

**Separação de resíduos sólidos como modelo que gera emprego, renda e melhores opções para o futuro das pessoas e do Meio ambiente**

O que muitas pessoas chamam de lixo é algo que pode produzir emprego e renda para muitas pessoas, sem contar que os aterros sanitários e o sistema atual de coleta têm um alto custo financeiro para a cidade.

No sistema atual o objetivo é o descarte, já no lixo zero é reutilizar e reparar os resíduos sólidos. Mas para ter êxito é necessário ter pessoas que façam a separação, pois, como disse o *slogan* de muitos catadores no mundo, *reciclagem sem recicladores vira lixo*. É interessante ver quão conscientes eles são do trabalho que desenvolvem e o sentido de pertencimento que desenvolvem. Poderiam ter mais pessoas trabalhando com a coleta e separação de resíduos sólidos para a reciclagem se não fosse o estigma sobre o catador.

E a impressão comum de que o nicho de resíduos oferece apenas baixos salários e empregos indesejáveis não é verdadeira: além do número de vagas de emprego, o setor de reparos, por exemplo, oferece oportunidades importantes para o desenvolvimento de habilidades, assim como variados benefícios sociais, incluindo oportunidades de voluntariado e treinamentos criados por muitas organizações envolvidas no setor. O reuso gera autonomia para pequenas empresas e torna disponíveis bens renovados de baixo custo, aumentando a acessibilidade dos consumidores. (Sabatini & Wanderley, 2021, p.95)

Podemos perceber, conforme a citação de Sabatini e Wanderley, que a impressão que se tem é que tudo o que envolve a questão dos diferentes resíduos, é mal remunerados ou indesejável, mas os autores mostram que não são verdadeiras tais impressões, pois o setor dos resíduos sólidos é um setor que além de gerar vagas de empregos é um setor que permite que as pessoas possam ter uma experiência de voluntariado e treinamentos e criar pequenas empresas

[...] trabalho de coletivos de catadores ou de empresas locais que coletam, transportam, classificam, embalam e às vezes até processam recicláveis em preparação para seu uso na remanufatura. Esta, por sua vez, onde materiais reciclados como papel e alumínio são usados como matéria-prima para a fabricação de novos bens de consumo, representa oportunidades de trabalho adicionais. (Sabatini & Wanderley, 2021, p.96)

O mais interessante do trabalho da reciclagem é que ele permite que alguns resíduos sejam reaproveitados para a fabricação de novos objetos que são vendidos, pois isto faz parte de uma economia circular, na qual as empresas devem

reutilizar alguns dos resíduos, para a criação de novos estendendo assim o ciclo de utilidade dos objetos.

O modelo lixo zero permite criar mais empregos do que o modelo de aterros sanitários. Além de que é uma prática que é mais favorável ao meio ambiente como nos apresenta: “as melhores estratégias para criação de empregos são precisamente aquelas que oferecem os melhores resultados ambientais, enquanto as intervenções mais poluentes criam menos empregos” (Sabatini & Wanderley, 2021, p.97). Imagino que isso acontece por causa de que para o trabalho de aterro e queima o objetivo não é gerar empregos, mas sim fazer com que o lixo tenha um fim no sentido literal. Já na separação dos resíduos sólidos para a reciclagem é preciso ter várias pessoas que possam dar conta da separação, entre outras atividades relacionadas a cadeia produtiva da reciclagem, então, no modelo lixo zero, se pensa nas pessoas que, podem ter um emprego através da separação dos resíduos, e ao mesmo tempo melhores resultados que favorecem ao nosso meio ambiente.

Como observamos poderíamos mudar pela cultura da separação, da reutilização e da reciclagem e considero que as pessoas que poderiam nos ensinar esse novo paradigma cultural são as mesmas que trabalham com os resíduos sólidos. Mas para isso, devemos abandonar nossa despreocupação com a destinação dos resíduos que geramos, porque ao descartar uma embalagem ou algum outro tipo de resíduo sólido, não pensamos no seu destino, ou em quem vai manipulá-lo. Então ao considerar tudo como lixo não fazemos a devida separação do que pode ser reciclável do que não pode. Expondo a pessoa que trabalha com a coleta e a separação de resíduos, aos maus cheiros e demais riscos como objetos cortantes ou perfurantes, lixo sanitário, animais mortos e lixo orgânico em decomposição, como apresentados anteriormente.

Como Waldman (2010), coloca no seu livro *Lixo: Cenários e Desafios- Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos*, o gerenciamento e a destinação final dos resíduos sólidos e os rejeitos é de vital importância para assegurar as rotinas urbanas. Os catadores de reciclagem ocupam um papel fundamental na manutenção de tais rotinas, ao fazer a coleta e separação dos resíduos que as pessoas da cidade geram.

Minha preocupação como antropólogo e pessoa que estuda o que acontece na cidade, por meio de uma observação *de dentro e de perto* do que acontece analisar como o grupo dos catadores, pertencendo às lógicas da cidade, apreender a percepção de sua atividade como trabalho marginalizado.

## **Análise teórica dos dados coletados em campo**

Trabalhamos com algumas categorias que pertencem ao ramo da antropologia urbana e a partir deles buscar entender algumas dinâmicas que acontecem no espaço da cidade.

Começo pela categoria do Espaço, uma vez que indicam o “espaço do trabalho” como uma referência fundamental assim como o “espaço da habitação”.

O espaço, segundo Milton Santos, é aquele que nos permite construir narrativas e, a partir da sua observação e análise, entender o que acontece com os indivíduos que ocupam um determinado lugar, espaço, território. Os espaços constroem o olhar que se tem dos catadores, seu trabalho, a sua dignidade, todo está permeado pelo espaço.

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 1988, p.25).

A questão dos espaços, e como eles se constituem através das relações que se criam e realizam neles, nos permite entender como a rotina ocupa um papel importante dentro da lógica da cidade. Como nos apresenta Da Matta (1886) no seu texto *O que faz do Brasil, Brasil?* Observa-se que na cultura brasileira a casa e a rua desempenham o papel de duas categorias que marcam a divisão que existe entre esses dois espaços, o privado e o público. O trabalho realizado pelas pessoas catadoras de resíduos sólidos para a reciclagem está dentro da esfera do que pertence ao espaço da rua, o lugar do movimento onde as pessoas realizam algumas atividades vinculados à esfera do trabalho.

Quando se pensa na palavra “lixo” associa-se a tal palavra à ideia de sujeira, de algo que não tem valor, que se quer manter distância. Mesmas ideias atribuídas à pessoa catadora uma vez que seria aquele sujeito que vive no “lixo” e se alimenta de/do “lixo”.

Considero que se atribui aos catadores tais ideias, por pensar que eles são moradores em situação de rua que muitas vezes manipulam os sacos de lixo à procura de alimentos ou alguns utensílios que possam lhes ser úteis, como roupas por exemplo.

Não se pode negar que algumas das pessoas que hoje trabalham nas cooperativas de reciclagem chegaram a viver em situação de rua, em decorrência do desemprego, por exemplo, mas, o ponto central é apresentar a associação que se faz dos catadores com os moradores em situação de rua.

Então ao se associar o estigma de morador em situação de rua aos catadores se vê tais pessoas como desprovidas de autoestima e de dignidade, não reconhecendo a sua cidadania e nem reconhecimento ao trabalho que realizam.

Portanto, para os catadores as Cooperativas aparecem como uma alternativa que permite que sejam reconhecidos com dignidade. Além de realizarem seu trabalho dentro do espaço urbano com apoio do poder público e com condições mínimas de segurança e garantias trabalhistas, eles podem gerar renda para o sustento de suas famílias.

Desenvolver suas atividades na cooperativa não faz com que desapareçam os estigmas que as pessoas aplicam sobre as pessoas que trabalham com a reciclagem. É necessário reeducar as pessoas para que tenham um outro olhar sobre o trabalho da reciclagem. Para tanto, é importante criar políticas públicas que garantam a dignidade e a inclusão das pessoas que trabalham com reciclagem nas cooperativas. “Destarte, *torna-se fundamental*, para qualquer política pública que visa estabelecer condições mínimas de dignidade e inclusão social aos cooperados que sobrevivem dos resíduos sólidos urbanos, a compreensão de elemento inerente à realidade de quase todos estes indivíduos.”(CALAÇA, 2011, p.46). Pois, conforme Calaça é importante entender a realidade em que vivem as pessoas que trabalham nas cooperativas de resíduos sólidos para que exista uma verdadeira inclusão social e se reconheça a dignidade a cidadania das pessoas catadoras e do trabalho que desenvolvem.

Na atualidade as condições para as pessoas que trabalham com separação de resíduos sólidos para a reciclagem tem melhorado, mas ainda assim existem estigmas sobre sua atividade. Uma parte da sociedade reconhece o papel que eles



ocupam como agentes da mudança e os reconhecem com o nome de Agentes Ambientais. Mas uma outra parte da sociedade ainda os marginaliza em decorrência do trabalho que desenvolvem.

## Considerações finais

Através da análise das informações coletadas e o registro fotográfico feito, se logra apreciar a maneira como os catadores de reciclagem da COAAFI do Barracão de Porto Belo, realizam seu trabalho, e as condições como o realizam, também se pode ver como o trabalho permite que possam viver de maneira digna. Também consegue-se entender um pouco da lógica do trabalho realizado e, através do espaço que se abriu para eles contar um pouco sobre o seu trabalho e sua vida, entender que eles se orgulham do trabalho que desenvolvem na sociedade, apesar de ainda sofrerem preconceito por parte das pessoas.

Entender a importância de criar um tipo de cultura voltada para a separação e reutilização e a importância de superar traria consequências positivas tanto para eles, como melhores condições de trabalho e redução do preconceito, quanto para as pessoas da cidade de Foz do Iguaçu.

A partir do trabalho etnográfico feito no barracão do Porto Belo, se consegue ver a relação que as pessoas estabelecem e com este está vinculado à realidade que eles vivem na cidade. A cidade de Foz do Iguaçu é pensada, e se pensa, como uma cidade que tem nas atividades turísticas sua única matriz econômica. Ao mesmo tempo, é uma cidade que reconhece a grande variedade de culturas, seja de seus moradores, estudantes universitários que afluem para a região ou visitantes para além do fato de ser uma cidade localizada na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai.

Algumas destas pessoas reconhecem a importância do trabalho realizado pelos catadores de resíduos sólidos para a reciclagem enquanto outras, imagino eu, que possuem aquele olhar sobre sua atividade laboral como um trabalho marginal.

Ao trabalharem na cooperativa e realizarem suas atividades dentro do barracão, eles cumprem um horário de trabalho durante a semana que não ocupa o dia todo sendo aproximado de 6 horas diárias, diferentemente daqueles que trabalham de maneira independente, não vinculados às cooperativas. Outro ponto importante é que os resíduos sólidos chegam até o ponto de triagem, ou seja o barracão, não sendo necessário ter que ir casa por casa vasculhar o lixo. Foz do Iguaçu conta com a coleta seletiva, onde uma vez por semana o caminhão da reciclagem passa em

alguns bairros para coletar os resíduos sólidos, pressupondo que as pessoas já fizeram uma pré-seleção do que é considerado como material reciclável.

Analisando as falas dos catadores da COAAFI, podemos ver como eles enxergam o trabalho que desenvolvem dentro do barracão como importante, com boas condições laborais e uma boa oportunidade de viver com dignidade, uma vez que antes tinham que trabalhar diretamente no Aterro sanitário. As imagens nos possibilitam ver como o trabalho é realizado dentro do barracão, além de quais equipamentos de proteção individual eles utilizam para realizar suas atividades.

Quando observamos as fotos feitas nas casas das pessoas, consegue-se perceber que o trabalho permite viver de maneira digna, Algumas pessoas compraram carro ou motos, outras bicicletas.

Também é possível perceber nas fotos que dentro existem pessoas de diferentes idades de uma mesma família que, em alguns casos, trabalham com a reciclagem há muitos anos.

## Referências

Lisboa, Carla. Os que sobrevivem do lixo 2013 . Ano 10. Edição 77 - 07/10/2013, DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO, Revista Desafios do Desenvolvimento. Ipea.

Brasil. (2010, 2 de agosto). Lei nº 12.305, institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos Brasília: Diário Oficial da União. Recuperado em 16 de maio de 2016, de [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

Calaça, Ana Amélia. Cooperativas de catadores de resíduos sólidos urbanos: perspectivas de sustentabilidade. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para a obtenção do título de Mestre em Saúde Pública. São Paulo 2011. P. 43-46.

DA SILVA ANA FLÁVIA. “DEUS RECICLA, O DIABO INCINERA” - UMA ETNOGRAFIA DA COOPERATIVA DE AGENTES AMBIENTAIS DE FOZ DO IGUAÇU/PR. TCC. Foz do Iguaçu 2016. P. 68-69.

MAGNANI, J. Guilherme. DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana, RBCS Vol. 17 no 49 junho/2002.p.14-17.

MATTA, da A. Roberto. O que faz do Brasil Brasil- A casa, a rua e o trabalho , Editora Rocco LTDA, 1986.p.21.

PALMER, Paul. Getting to Zero Waste: Universal Reuse as a Practical Alternative. 1ª Edição. Estados Unidos: Purple Sky Press, January 1, 2005.

Sabatini, Rodrigo. Cidades Lixo Zero- O que é lixo?, / Rodrigo Sabatini, Tainá Wanderley. -- Florianópolis, SC : Instituto Lixo Zero Brasil, 2021.p.28-97.

Silveira Conke Leonardo, Pinheiro do Nascimento Elimar. A coleta seletiva nas pesquisas brasileiras: uma avaliação metodológica, urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), 2018 jan./abr., 10(1), 199-212.

WALDMAN, Maurício. Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos. São Paulo (SP): Cortez Editora, 2010. p.77.

Willian de Oliveira Carvalho<sup>1</sup> e Elisangela Bellafronte da Silva, Conscientização sobre a Reciclagem do Papel., Pleiade, 14(31): 97-105, Jul.-Dez., 2020 DOI: 10.32915/pleiade.14i31.69. p.5.